

# QUANDO NASCER DE NOVO

## e outros poemas

Venus Brasileira Couy

### QUANDO NASCER DE NOVO

“Quando nascer de novo”  
viverei junto ao mar  
e ao patilhão dos veleiros,  
não darei passadas largas,  
tampouco silenciarei a voz curta  
em sobrevoo,  
voltarei pássaro, ave, gaivota  
ou outro bicho que tenha asas  
e se lembre dos sonhos ao acordar,  
pousarei furtivamente sobre os ombros  
[de Clarice e as patas de seu cão  
esculpidos em bronze no Leme,  
pela manhã, estarei na janela da Rua Sambaíba,  
entre rosas e romãs,  
à tarde, do alto da Antero de Quental,  
eu, que “fui rocha em tempo”, avistarei  
a lagoa e suas margens  
e os telhados que tagarelam trivialidades,  
as dos que fazem barulho e desatarracham sifões  
e as dos que não se entediam com o silêncio  
[dos móveis ou das samambaias,

avistarei ainda  
a tela fortuita  
que nos separa  
e nos liga  
à carta envelopada em poesia.

“Quando nascer de novo”  
organizaremos colóquios  
e edições bilíngues  
e chamaremos à nossa mesa  
as mulheres que escrevem  
em lista alfabética e numerada  
e também os homens  
que não figuram nas listas e nas enumerações,  
chamaremos ainda os que escutam  
e escrevem,  
os que falam,  
os que emudecem  
e os que se perderam no anonimato  
ou em honrarias.

“Quando nascer de novo”  
leremos poemas em voz alta  
que saltam dos cadernos de Ponge e de Cabral  
e deixaremos que o riso que a tudo contagia  
se espraie pelas dobras da página  
em poltronas macias.

“Quando nascer de novo”  
não mais direi da jovem intrépida  
e da mulher que matou os peixes e as letras.

## POEMA

As peras não se apiedam,  
de longe  
locupletam litánias  
e espíam o escuro.

Que palavra se erguerá do chão  
na hora vida  
em que tergiversamos?

A menina que caçava palavras e asteroides  
à noite se deita sobre o piso para contar estrelas,  
essas sílabas desavisadas,  
que estão a anos luz de distância da terra.

Sobre o marinho do vestido,  
botões benevolentes barganham a diferença,  
a expressão pouco se altera atrás da máscara  
e tímida escreve.

Ásperos são os dias  
em que os cadernos sem pauta diagramam.

## O QUE DIZER?

Terminava as páginas de *O gueto*  
[e *O eco da minha mãe*  
quando você se foi,  
o que dizer  
enquanto algoritmos algozes projetam o futuro?

Entre o obscuro e o transparente,  
o nome do pai,  
a desmemória da mãe,  
a doença e a velhice,  
onde nos encontramos  
e nos separamos.

O que dizer  
quando me perco nos viadutos  
e nunca sei se devo subi-los  
ou passar embaixo de cada um  
ou ainda seguir pelas marginais  
[com meu carro velho?

Descobríamos a idade da poesia no Tango Bar,  
os versos seguiam o fluxo  
[como a bandeja redonda do garçom  
que se equilibrava entre os passantes,  
o solidéu voou na hora do rush

e não olhamos pelo espelho retrovisor,  
em meio ao trânsito estão as palavras,  
buscaremos “um idioma para falar com os mortos”  
e bicaremos acordadas cada fonema  
para depois lembrar  
e esquecer.

VENUS BRASILEIRA COUY é poeta e ensaísta. Publicou, entre outros livros, *Nenhum* (7Letras, 2021), *Quase poema* (7Letras, 2020), *Belamimmim* (Edições Magnólia, 2012), *Do amor mais abrigado do vento* (Edições Magnólia, 2007), *Mural dos nomes impróprios* (7Letras, 2005) e *Inverno de baunilha* (7Letras, 2004).